

DF - Invasão

# A VIDA ao relento

De 100 a 140 pessoas vivem acampadas em vários pontos do Plano Piloto. Até a 200m do Palácio do Planalto

RAPHAEL VELEDA  
ESPECIAL PARA O CORREIO

**B**arracos feitos de lona, montes de sujeira e pessoas vivendo à margem dos direitos do cidadão já fazem parte da paisagem da obra de Oscar Niemeyer e Lucio Costa que se tornou patrimônio cultural da humanidade. Ao lado de monumentos que encham de orgulho o brasiliense, como a

Praça dos Três Poderes, no meio da cidade com o maior Índice de Desenvolvimento Urbano (IDH) do país, brasileiros dormem sob as estrelas, passando frio e sujeitos a todo tipo de doenças. São entre 100 e 140 pessoas, segundo estimativa do governo. Uma população flutuante, invisível, que só é percebida quando incomoda a sociedade. É o caso de um acampamento de catadores de papel e alumínio que surgiu há quase um mês no gramado que sepa-

ra as quadras 309 e 310 Norte. "Primeiro eram duas pessoas. Agora já são quase 10 quando chega a noite", informa o funcionário público Jessé Moreira Borges, 58, que mora em um bloco em frente aos barracos. "Não vou dizer que me agrada vê-los aí, mas para mim não são uma ameaça, são um problema social e temos que abrir os olhos para isso", complementa. Esse papel, para o comerciante Mário Gilberto Feitosa, 40, cabe ao governo. "Não compramos um apartamen-

to caríssimo para ter que conviver com esses baderneiros que passam o dia bebendo e aterrorizam os moradores. Como vou deixar meus filhos brincarem embaixo do bloco?", questiona. A invasão na quadra residencial é uma das sete que o Correio mapeou em um passeio pelo Plano Piloto. O número, no entanto, muda o tempo todo, pois os moradores de rua buscam novas opções a cada vez que são desalojados pelo poder público. "Realizamos, em média, 15 operações

todo mês só no Plano Piloto", informa o chefe do Núcleo de Vigilância da subsecretaria de Defesa do Solo e da Água (Sudes), tenente Nelson Rodrigues Ramos. Essas operações são motivadas por denúncias de moradores e de órgãos do próprio governo, como a Secretaria de Segurança Pública. "Além disso, temos equipes que monitoram as invasões em todas as regiões do DF", conta Ramos. No Plano Piloto, atuam duas equipes, com dois fiscais cada.

## Repressão constante

A atuação da Sudesa, segundo o tenente Nelson Rodrigues Ramos, tem conseguido impedir que o problema aumente. "Comparando com o ano passado, esse número de 100 a 140 moradores de rua é 70% menor", contabiliza. "Perto da Colina, na Universidade de Brasília (UnB), chegamos a ter 40 barracos. Hoje dificilmente chegamos a 10. Atrás do Palácio do Planalto também era uma população enorme. Hoje há dois barracos improvisados", completa.

Só nos arredores da UnB são três focos. O maior, que abriga cerca de sete famílias, fica na via L3 Norte, ao lado da Colina — os blocos funcionais da universidade. Lá vivem casais com filhos em meio a montanhas de lixo que eles mesmo juntam para vender para reciclagem. Além dos barracos, há uma criação de galinhas. Logo abaixo, na L4 Norte, duas famílias transformaram árvores em moradia. No "quintal" de uma delas foi plantada uma pequena horta de temperos. O terceiro grupo se concentra na pista que dá acesso direto da L2 à L3 e à UnB. Lá, vivem três famílias que usam a água de um cano aparente no canteiro central para lavar roupas, panelas e até tomar banho.

O outro acampamento citado por Ramos fica a menos de 200 metros do gabinete do presidente da República. E existe há pelo menos 20 anos segundo a catadora Francisca Pedro da Silva, 58. "Cheguei aqui em 1988, com meu marido e nove filhos. O caçula era um bebê e hoje é um homem feito", conta. A família veio da Paraíba em busca de uma vida melhor, mas as expectativas não se concretizaram. "Hoje alugo uma casa no Recanto das Emas, mas já tive que morar aqui mesmo", lembra ela, enquanto prepara o almoço em meio ao lixo.

Esse é o caso da maioria dos moradores de rua do centro da cidade, segundo a Sudesa. "Eles vêm trabalhar aqui porque o lixo é mais abundante nas áreas ricas. Mas a renda que conseguem é muito baixa e impede que eles possam ir e voltar diariamente", analisa Marília Peluso, professora de Geografia Urbana da UnB.

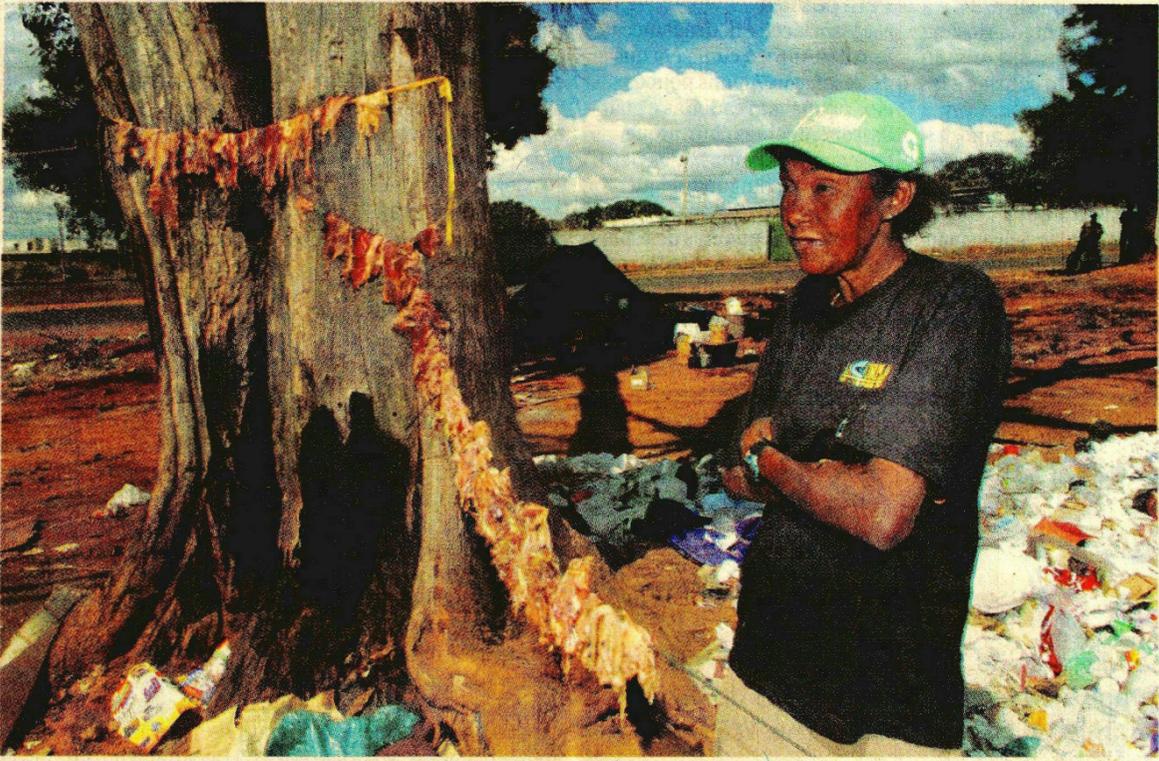
Na Asa Sul, o Correio encontrou dois acampamentos. O mais precário fica na 908/909 Sul, entre a paróquia São Judas Tadeu e o Caseb. Na semana passada só havia duas famílias no local. Mas os restos de lona e lixo mostram que mais gente usa o gramado como lar. Perto dali, na 913/914 Sul, entre o cemitério Campo da Esperança e o Parque da Cidade, está uma das invasões mais antigas da capital. Os catadores abriram até uma pequena estrada de chão, que leva a um terreno escondido totalmente transformado por eles. Não há vegetação, os montes de entulho estão dispostos de forma organizada e os barracos têm melhor acabamento. Há um carro estacionado e até uma casinha de cachorro. (RV)

## OS SEM-TETO EM BRASÍLIA

O Correio mapeou os principais pontos de invasão de área pública no Plano Piloto. Confira os endereços:



Carlos Moura/CB/D.A Press - 2/7/08



FRANCISCA PEDRO DA SILVA E O VARAL DE CARNE DE SOL EM MEIO AO LIXO: ELA VEIO DA PARAÍBA HÁ 20 ANOS E CRIOU OS FILHOS NAS RUAS

## Criminosos infiltrados

A relação entre os moradores de rua e crimes como furtos e tráfico de drogas é o que mais assusta quem vive perto dos acampamentos. "Eu tenho medo. Não sei quem são essas pessoas e o aspecto delas é desagradável. Me incomoda tê-los aqui e eu chego a evitar passar por perto", diz a professora primária Samira Senders, 29, moradora da 309 Norte. "E não estou falando por preconceito. O porteiro me disse que eles assaltaram um aposentado", completa. A reportagem não conseguiu encontrar o porteiro nem qualquer ocorrência relacionada na 2ª Delegacia de Polícia (Asa Norte).

Para a delegada-chefe da 1ª DP (Asa Sul), Martha Vargas, é preciso não generalizar a questão. "Temos que avaliar cada caso. De terça para quarta-feira da última semana, nós prendemos três pessoas por crimes como roubo, tráfico de drogas e tentativa de estupro. Eles tinham se misturado aos moradores de rua, mas não faziam parte do grupo", informa. As prisões ocorreram na 109 Sul, quadra que sofre com a ação de traficantes no meio da rua.

## Políticas públicas

Para Marília Peluso, professora de Geografia Urbana da UnB, só políticas públicas específicas para essa população podem começar a resolver o problema. "O ato de tirá-los da rua é mais simbólico do que prático. É preciso investir em um programa de habitação, assistência social e profissionalização", ensina. Mas, na opinião dela, mesmo que as políticas sejam executadas da melhor forma possível os acampamentos não serão erradicados. "Eles são nômades. Não conseguem se estabelecer", conclui.

Na maioria dos locais visitados, os moradores de rua foram hostis ou não se interessaram em falar. Eles temem que a exposição resulte em mais operações da Sudesa. Quando os fiscais do órgão desalojam os catadores, estão sempre acompanhados de servidores da Secretaria de Desenvolvimento Social. "Eles podem escolher entre ficar no local ou ir para um abrigo", relata o tenente Nelson Ramos, da Sudesa. "O governo dá ainda três meses de aluguel ou a passagem para o estado de origem. Mas muitos preferem continuar nas ruas", completa. O material encontrado nas moradias é todo encaminhado para um depósito do governo e dificilmente sai de lá. "Eles não têm como provar a procedência. Além disso precisam pagar uma multa", informa Ramos.

A Secretaria de Desenvolvimento Social foi insistentemente procurada pela reportagem, mas não forneceu números sobre os atendimentos feitos nos últimos meses. O secretário, Edgard Lourencini, também não foi localizado para dar entrevista sobre os programas sociais do governo. (RV)